

Rimas de Guido Cavalcanti

Recensão

Manuele Masini

IELT-FCSH/NOVA – FCT / perodeguimaraes@hotmail.com

Resumo:

Recensão a Guido Cavalcanti, *Rimas*, apresentação de Rita Marnoto, tradução de A. Ferreira da Silva, coleção *Itálica* (direcção literária de António Mega Ferreira), Lisboa, IN-CM, 2019.

Palavras-Chave: Guido Cavalcanti; dolce stil nuovo; literatura italiana; poesia medieval; teoria da tradução.

1. Recensão a *Rimas*, de Guido Cavalcanti

Cada projecto de divulgação de um clássico italiano em língua portuguesa¹, quando, como neste caso, reúne os requisitos mínimos de qualidade, é sempre um gesto louvável, porque, por um lado, um livro tem uma esperança de vida pelo menos material, apesar de todas as vicissitudes, maior de quem o escreve ou organiza, e nós não podemos saber o que será importante num futuro que desconhecemos; e, por outro lado, porque não deixa de abrir uma questão. Mas quando se quer apresentar um trabalho que é ou poderia ser, sem dúvida, “obra”, como se costuma dizer, e, ainda por cima, no quadro de uma iniciativa de grande abrangência, como no nosso caso (uma coleção de divulgação da literatura e da cultura italiana, publicada pela editora do Estado sob o nome algo antipático de “Itálica”), essa questão que um livro abre, e deixa em aberto sem a resolver,

¹ Esta recensão foi encomendada para o próximo número da revista “Estudos Italianos em Portugal”. Tratando-se de uma recensão desfavorável, e apesar do *nulla osta* da coordenação e do conselho científico da revista, a directora do Instituto Italiano de Cultura, que edita a revista, senhora Luisa Violo, decidiu, *motu proprio* e sem pré-aviso, excluí-la do volume, agindo assim de forma censória em função da boa relação com a IN-CM. Considerando a excelência de uma revista fundada nos anos 30, e que durante muitos anos foi uma referência para os estudos italianos no estrangeiro, parece-nos uma atitude absolutamente deplorável, que só a miopia e a ignorância justificam. Por esta razão, decide-se divulgar aqui a recensão acompanhada por esta nota explicativa. Cf. Cavalcanti, 2019.

deveria, segundo cremos, ser uma questão previamente colocada por quem organiza uma coleção editorial, para assim evitar que o que se faz, se não quer ser mera auto-celebração, fique no quarto obscuro do esquecido.

Quando se pretende traduzir um clássico, ou, nada menos, lançar uma coleção de clássicos, é absolutamente necessário ter a consciência certa do que significa divulgar um autor, qual e porquê, destinado a qual público e em que forma. E, apesar do esforço louvável, não me parece ser o caso deste livro nem desta coleção. Mas vamos avançar por pontos. Todos nós, que trabalhamos paralelamente em literatura de língua portuguesa e de língua italiana, sabemos quão importante, até por razões simbólicas, o nome de Guido Cavalcanti seja, ao lado do de Dante, para as origens da poesia em vulgar italiano. É neste sentido bastante fácil ver nas *Rimas* de Cavalcanti um clássico passível de tradução e divulgação. Mas quem, hoje, na Itália, lê Cavalcanti? E, de consequência, quem lerá Cavalcanti em Portugal, e com quais finalidades? Temos a certeza, portanto, de que, fora de um esquema de franca simplificação, este tipo de edição e tradução de Cavalcanti faça algum sentido no âmbito de uma coleção de divulgação?

É esta finalidade errada, para um autor certo, se assim queremos enquadrar as coisas, que tira fôlego ao livro que temos nas mãos. O modelo “Vasco Graça Moura” (já inutilmente gasto para Dante e para Petrarca) não fez senão colocar um problema, no seu tempo, aquele tempo que nunca achou e que nunca perdeu: razão pela qual o legado quer de Dante quer de Petrarca está ainda confiado, em língua portuguesa, a traduções parciais (ou mesmo às traduções integrais de Sophia de Mello Breyner Andresen e Fernanda Botelho, apesar de todos os limites) que tiveram a vantagem de exigir algo mais de si mesmas. Ou, ainda, está confiado a leituras de especialistas, feitas na língua original com o eventual auxílio de traduções em terceiras línguas ou de traduções em prosa e “de serviço”. Do ponto de vista de quem escreve, não faz muito sentido querer “divulgar” Cavalcanti, verdadeiro “lugar comum” de toda uma tradição poética não apenas italiana, senão no quadro de um gesto maior de tradução estratigráfica e, por assim dizer, de tradução como gesto hermenêutico, definitivamente introduzido na nossa cultura por Ezra Pound e cultivado, justamente em relação a Cavalcanti, e na senda do mestre americano, pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos (e limitadamente, como dissemos, a alguns textos). Mas não era este o objectivo do presente livro, nem da presente colecção, dir-se-á. Poderíamos responder que centrar o alvo errado não é grande consolação.

A apresentação do livro, justamente pelos limites impostos pela iniciativa editorial, sente-se algo constrangida entre a tentativa de fazer crítica e a necessidade de se limitar ao essencial e mais “ao alcance”. A tradução envereda por uma tentativa de manutenção das estruturas rítmicas e rítmicas, mas de forma

pontual, verso-a-verso, sem conseguir, certamente por falta de tempo, acolher a arte de um Haroldo de Campos, capaz de re-estruturar as células-base da poesia (nesse caso, as estrofes) conforme uma nova economia da linguagem e dos significados, mantendo, sim, a estrutura, mas (quase) não perdendo nenhum elemento significativo, nenhum conceito, e mantendo, aliás, todas aquelas palavras-chave que não é possível traduzir senão como património comum da lírica medieval europeia. Palavras que, para simplificar, não podem de maneira nenhuma desaparecer: um exemplo banal, mas muito claro, é a palavra-conceito de “fino”, “amor fino”, com que já os trovadores portugueses se tinham confrontado. É óbvio que tentar um trabalho como o desenvolvido pelos irmãos Campos requer não apenas uma profunda análise hermenêutica de cada poema, de cada estrofe, de cada verso ou palavra, mas também uma disponibilidade de tempo que não parece ser o nosso, tempo de absurda velocidade. Mas, sendo assim, não teria sido mais honesto oferecer o texto original acompanhado por uma tradução poética, respeitosa da respiração do verso e do ritmo, mas não constantemente à procura da manutenção vazia das estruturas? Já desde o começo. Porque a “fresca rosa novella” (aquela rosa fresca que vinha já da tradição siciliana) haverá de ser “galharda”, quando ela era de facto nova: só para ganhar uma sílaba (cf. Cavalcanti, 2019, p.27)? Porque o preço fino (segundo uma acepção da palavra – uma das tantas palavras-chave da cultura poética da Idade Média, ainda viva em português pelo menos até ao séc. XVII) deverá ser “altaneiro” (cf. Cavalcanti, 2019, p.27): só para ganhar uma rima? “Erro comum meio gáudio”, talvez: é o que se fez inúmeras vezes entre duas línguas tão próximas, e nos dois sentidos de marcha, razão pela qual, por exemplo, ainda não temos, em italiano, uma tradução condigna de Camões.

É justamente esta questão que nos remete ao problema levantado no começo, de forma aparentemente maliciosa, mas na verdade sincera: o quê, para quem, como? Qual foi a edição, ou a edição crítica, utilizada para a tradução? Com toda a probabilidade a edição de bolso organizada por Marcello Ciccuto e Maria Corti, por sua vez baseada numa leitura conjunta das edições críticas de Favati, Cattaneo e Contini, pelo menos. Porque não citá-la, porque não enfrentar questões tão bem colocadas nessa edição? Num livro em que ninguém reivindica, não digo já a edição e os seus critérios eventualmente filológicos, mas nem sequer a organização e as notas de rodapé, só nos resta atribuir essa responsabilidade à “d direcção literária” da iniciativa, de António Mega Ferreira, que, porém, não assina nenhuma nota ou premissa, deixando-nos na incerteza acerca da responsabilidade da edição em si. Mas não desesperemos. Guido Cavalcanti tem, neste momento, uma boa tradução, que, obviamente, não podia não sofrer os limites que cada tradução impõe a si mesma – importante teria sido discutir previamente, no âmbito do projecto *Itálica*, quais limites seriam de aceitar, quais

de evitar – ao abrigo de uma editora de grande divulgação e com uma introdução segura, também dentro dos limites que o projecto *de per si* impôs. Um primeiro passo foi dado. Outros virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalcanti, G. (2019). *Rimas*, apresentação de Rita Marnoto, tradução de A. Ferreira da Silva, coleção Itálica (direcção literária de António Mega Ferreira). Lisboa: IN-CM.